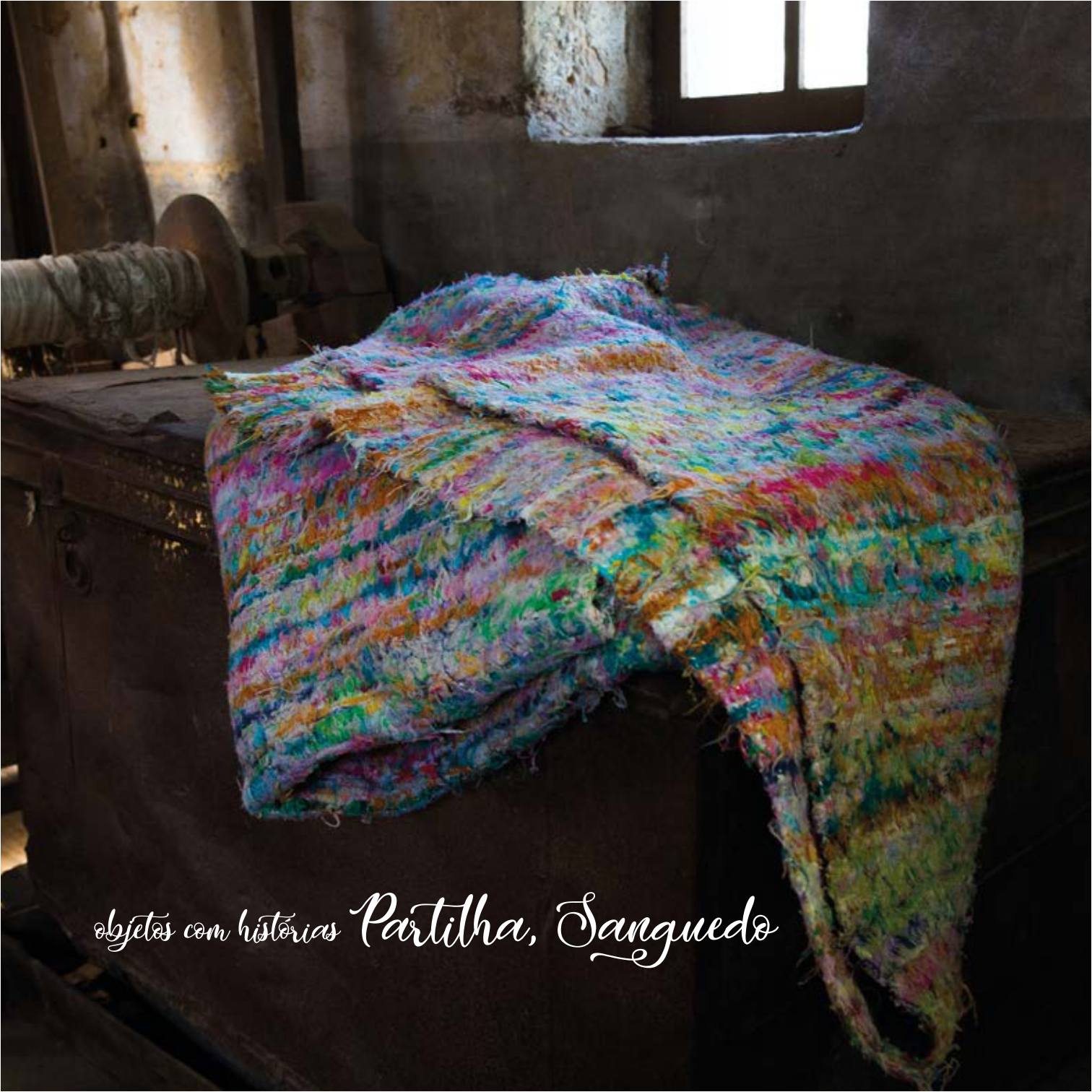


A vibrant, multi-colored textile object, possibly a bag or pouch, is the central focus. It is covered in a dense, chaotic pattern of small, frayed threads in shades of pink, blue, yellow, green, and orange. The object is draped over a dark, weathered wooden surface, which appears to be part of a larger piece of furniture or a workbench. In the background, a rustic interior is visible, featuring a window with a wooden frame and a large, cylindrical object, possibly a spool or a part of a machine, on the left. The lighting is soft and natural, highlighting the texture of the textile and the grain of the wood.

objetos com histórias Partilha, Sanguedo

objetos com histórias Partilha, Sanguedo



O ato de contar histórias é “uma expressão biológica.”

Umberto Eco

“Contamos histórias para viver. As histórias contam-nos, formam-nos. São caminhos que se abrem, trilhos de floresta. O que seria de nós se não fossem as histórias que nós ouvimos e que nos habitam? [Elas são] as grandes amarras que nós temos para olhar a vida e decifrá-la mais profundamente.”

José Tolentino Mendonça



08 Objetos com histórias

10 Sanguedo, Terra de Farrapeiros

13 As Histórias

14 Albana da Silva Ribeiro Amorim

18 Maria José da Silva

22 Marcelina Pinho da Silva

26 Maria Alice Ferreira da Silva

30 Maria Arminda de Amorim Costa

36 Maria Alice Fontes

40 Maria Rosa Amorim Batista

44 Glossário

46 Agradecimentos



objetos com histórias

Caneleiro, cardas, cardos, canotilhos, fios, fitas, estrelas, palhetas, parábolas, pentes, lançadeiras, teares, teia... um vocabulário que se está a perder.

Os teares foram queimados, destruídos, desfeitos. Trabalhar nos teares era sinónimo de um tempo de vida difícil e pobre. Para alguns, tecer era considerado “coisa baixa”, que parece quererem esquecer.

Mas a memória traz este tempo de volta. As mulheres que hoje têm mais de sessenta e cinco anos ainda recordam com relativo pormenor essa época em que, apenas com

sete anos, já teciam em vez de brincar e sonhar...

Objetos com histórias é uma iniciativa integrada no projeto MIDAS – Mudança para a Inclusão e desenvolvimento artístico e social (Programa Operacional Regional do Norte / NORTE 2020), promovido pelo Município de Santa Maria da Feira em parceria com a Casa dos Choupos, Cooperativa Multisectorial, CRL, e o CASTIIS – Centro de Assistência à Terceira Idade e Infância de Sanguedo.

Sanguedo, terra dos farrapeiros, é resultado de um trabalho de recolha e visita a lugares

marcados por pequenas histórias sentidas e vividas, relatadas pela mão da estoriadora Céu Mota, dando forma a um trabalho iniciado pelo grupo sénior do espaço de convívio de Sanguedo, dinamizado no âmbito do fórum social desta freguesia.

Partilha Sanguedo é, assim, produto de um exercício colaborativo, que valoriza as suas gentes e aposta no seu património, com o objetivo de contribuir para projetos de base local, do qual a Casa das Profissões é um desses exemplos.



Sanguedo, “Terra dos farrapeiros”

“Em tempos que já lá vão, havia nesta freguesia pessoas que andavam a recolher farrapo velho e também armazéns como o do «Jaime, farrapeiro» que comprava o farrapo. A roupa velha era transformada em tiras que, depois, eram enroladas em novelos e, com eles, teciam-se tapetes, passadeiras e liteiros de trapos.”

António Ribeiro





Albana da Silva Ribeiro Amorim

A Dona Albana nasceu em 16 de junho de 1948, tendo vivido 55 anos no lugar do Terreiro, em Sanguedo.

Frequentou a escola, até à 3ª classe, na EB1 do Arraial e lembra-se ainda da professora Alzira e do professor Barroca. Sabe, pois, ler, escrever e contar!

Após a morte do pai – Albana tinha apenas 6 anos –, a mãe montou um tear, visto que a avó já trabalhava nos liteiros, ao mesmo tempo que “fazia a terra”. Dos onze aos vinte anos, trabalhou na fábrica de Manuel Lima, na produção de rolhas (“fugíamos quando vinham os fiscais”). Namorou e casou com Manuel Marques de Amorim aos 21 anos.

Foi aos 20 anos, assim que deixou a fábrica, que começou a trabalhar nos liteiros, em casa, lado a lado com a sua mãe. Enquanto teciam, não conversavam, ouvia-se apenas o bater dos pentes dos dois teares e os sons saídos da

rádio (a emissora Católica da Rádio Renascença). Quando as mãos de Albana não teciam, cozinhavam, lavavam no tanque (“não havia máquinas”) ou acarinhavam e tomavam conta das sobrinhas ou dos filhos.

Aos 35 anos de idade, criou o seu próprio negócio: venda de roupa interior e calçado, sobretudo na Feira “Dos Dez”, em Lourosa.

Aos 42 anos foi avó pela primeira vez. Tem três netos e dois bisnetos (a Matilde e o Gonçalo, que estavam presentes no dia em que conversamos com a D. Albana). Abandonou o negócio em 2009 por motivos de saúde. Nessa paragem, deu mais apoio à família, sobretudo à única irmã que tem neste momento.

No início de 2015, Albana deu início a uma nova fase na sua vida: foi convidada a reviver a arte e o saber dos liteiros na Casa das Profissões, que frequenta três vezes por semana.

Mas queixa-se que o tear novo da Casa das Profissões (construído em 2015) não está completo e construído do jeito que julga o mais correto: falta o caneleiro, a parábola (ou dobadoira) e uma lança-deira diferente...

Porém, consegue tecer nele bonitos trabalhos que podemos ver expostos nas paredes desta instituição.

Refere que não teve colo da sua família: “era só trabalhar”. Vestiu muito o preto, contrastando com as bonitas cores dos seus liteiros, mantas e passadeiras tecidas com desperdícios e tiras.

Desse tempo em que teceu e em que os Sanguedenses eram conhecidos por farrapeiros, Albana só guarda a lançadeira. Os teares, esses, deram lugar a outras construções... e a outras alegrias, não obstante dias de pouca fartura.

[desenho realizado por]

Miguel Pinho
10 anos
5.º ano Colégio de Santa Eulália

Inês Prêda
10 anos
5.º ano Colégio de Santa Eulália

Tomás Clemente
10 anos
5.º ano Colégio de Santa Eulália





Maria José da Silva

Tal como Albana, Maria José voltou a tecer na Casa das Profissões no mesmo ano (2015), onde tem vários trabalhos.

Trouxe, para vermos, uma passadeira feita de trapos com vários anos, assim como um tapetinho com mais de cinquenta (ainda frequentava a 3ª classe), quase tantos como os que tem. “Não parece, mas sou vou fazer sessenta!”

É natural de Castelo de Paiva e a viver em Sanguedo, desde que casou, em 1988. Dedicou quarenta anos da sua vida à doçaria: “éramos os doceiros

de Castelo de Paiva – não havia mais ninguém. Íamos para as festas todas!”.

Para além desta atividade, Maria José borda “maravilhosamente” e tece.

A mãe comprou um tear antigo para as três filhas trabalharem, por altura do casamento de uma das irmãs de Maria José, que havia revelado habilidade para a arte.

Lembra-se do dia em que o foram buscar: tinha treze ou catorze anos. Transportaram-no

desmontado à cabeça, juntamente com a parábola e o caneleiro.

Atravessaram o rio com todas essas peças, desde Cinfães do Douro a Castelo de Paiva (“quem é que tinha carros naquela altura?”). Como se fosse hoje, recorda-se que trouxe dois pentes do tear. O “paizinho” montou-o, juntamente com a senhora que viria a colocar a teia no tear, algo que Maria José nunca aprendeu a fazer e que considera ser “o mais importante”.

[desenho realizado por]

Alexandre Toro

10 anos

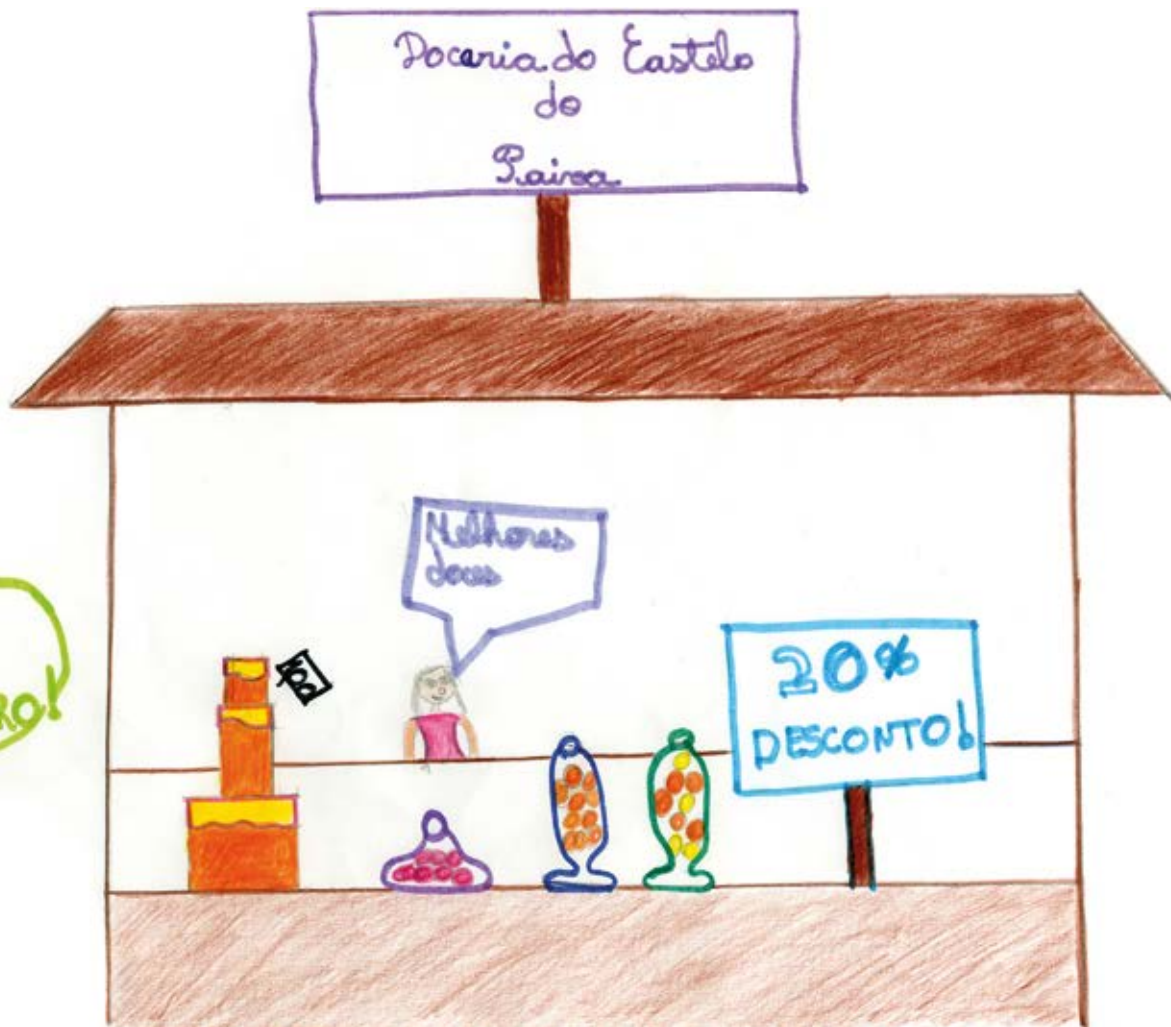
5.º ano Colégio de Santa Eulália

Docaria do Castelo
do
Painço

Melhores
doces

20%
DESCONTO!

EU
QUERO!





Marcelina Pinho da Silva

Marcelina nasceu em 23 de maio de 1935 na Rua do Terreiro, onde reside. Tal como outras tantas mulheres da sua geração, tem apenas a 3ª classe, feita depois de casada. Os pais não a deixaram ir à escola – era preciso trabalhar –, ainda mais que a família era grande, com sete filhos. A 1ª e a 2ª classe foram dadas pela mestra que era também a catequista. Chegou a “tocar o fole com uma verguinha na serrallaria do pai e a água a cair-lhe nos pés gelados”.

Marcelina falou-nos um pouco da sua vida pobre, “vida de trabalho”, desse tempo da fome e da guerra. “Tínhamos o canastro onde guardávamos o milho. Passávamos fome. Nem pão tínhamos para comer. Levavam-nos o milho de graça. O meu falecido pai até fez umas covas grandes para esconder o milho”. As camas eram recheadas de palha e a mãe “metia lá o milho seco”. Depois fazia-se a cama de forma a que *eles* não o descobrissem. Ir à padaria significava estar numa fila para “caçar uma sêmea, que a gente comia toda.

As crianças tão pequenas querem comer. O povo agora é fidalgo. Antes, não havia quem desse tostão a ninguém e para manter assim tantos filhos... Era trabalhar no que houvesse”.

Foi a única na sua família a trabalhar nos teares.

O seu sonho era “aprender a costura”, mas nunca teve oportunidade. Lembra-se, num dia em que foi à tapada com a mãe, de lhe pedir que a deixasse “aprender um bocadinho para poder, ao menos, fazer uns remendinhos”. Mas a mãe não permitiu – “quem faria os campos?” Marcelina sentiu-se revoltada, porque todas as irmãs foram, exceto ela. Aprendeu por si e fez algumas coisas numa máquina que, entretanto, comprou.

Marcelina teceu passadeiras desde os 18 anos. Trabalhava durante a noite porque, de dia, “andava no campo, ou a ajudar o marido com a betoneira”. Reclama que “merecia uma grande pensão!”

Em 1968, Marcelina comprou um tear de pano inteiro (1,80 a 2 metros de largura). Tecia com lã de ovelha ou com desperdícios de malha esfiapados.

Um dos filhos de Marcelina, António Ribeiro, 55 anos, a viver em Sanguedo, contou-nos que o primeiro tear de sua mãe era estreito e servia para tecer tapetes e liteiros (mantas de trapos). Como a máquina era pequena, as mantas eram feitas em duas e costuradas uma à outra. Quando as mantas não eram cardadas, fazia duas por dia. Cardar dava mais trabalho. Tudo quanto fazia, vendia.

Marcelina acabou por fazer a vontade ao filho: “quebrar” o tear, que acabou transformado em lenha. António não gostava que ela tecesse – considerava que a mãe já trabalhara muito. “E, realmente, trabalhei demais, porque hoje estou bem estourada.

Agora ninguém quer nada disso, minha senhora. Querem os cobertores leves, quentes. Eram outros tempos... Acabou tudo, como a gente há-de acabar”.

(O riso de Marcelina como pano de fundo ao longo da nossa conversa, não obstante sofrer com problemas de visão e estar triste de ver o seu marido, Hilário, encamado, que a dada altura lhe perguntou as horas).

Dooou um liteiro para a Casa das Profissões. “Já não é mau!” – disse.

Apesar de não haver já vestígios do tear, o filho António desencantou, entre as arrumações, o fuso, o caneleiro, dois carrinhos do tear e duas belas mantas com cerca de quarenta e cinco anos, testemunhos desse tempo de trabalho duro, em que as crianças eram muitas vezes privadas de brincar...

Não há mais o tear na casa, é certo, mas António, “obrigado” a trabalhar com a mãe ainda antes dos doze anos, fala-nos, com todo o detalhe e entusiasmo, do nome e função das peças e do processo de fazer mantas, liteiros ou passadeiras.

Não se perdeu tudo!





[desenho realizado por]

Matilde Soares

8 anos

4.º ano Colégio de Santa Eulália

Vitória Silva

9 anos

5.º ano Colégio de Santa Eulália





Maria Alice Ferreira da Silva

Viveu praticamente toda a sua vida com a irmã Marcelina Pinho da Silva, de quem gosta muito e a quem se referiu muitas vezes ao longo da nossa conversa (“tudo acontecia na casa da minha irmã Marcelina”). Hoje podemos encontrá-la no Lar do CASTIIS: sublinhou que foi a segunda utente a ser internada na valência, onde se sente bem.

Nasceu em 3 de janeiro de 1931, numa família de sete filhos, cujo pai era ferreiro e a mãe doméstica e que se dedicava também a “trabalhar as terras”. Não frequentou a escola, porque os pais consideravam que “não era preciso as mulheres irem à escola”.

Uma vida longa. É preciso fazer um esforço para se lembrar dos factos mais importantes. Os problemas de saúde marcaram a sua vida e estão presentes todos os dias. Enumerou as nove intervenções cirúrgicas, as dificuldades em respirar e as dores nas costas. Porém, durante a nossa conversa, não ouvimos uma queixa. Pelo contrário, revelou duas das suas qualidades: a disponibilidade e a simpatia.

Usa uma aliança, mas nunca casou. Contou-nos que havia trocado o anel que o padrinho lhe deu pela Comunhão Solene, feita aos 9 anos, por aquela aliança. A verdade é

que nunca quis casar, nem namorar com ninguém. “Os rapazes apareciam à porta e eu atirava-lhes água!” Dizia-lhes: “Ide-vos daqui para fora!”. O seu desejo, incumprido, foi o de entrar num colégio de freiras. Mas, ao mesmo tempo, não queria deixar a irmã Marcelina. Aliás, rezar é o que mais gosta de fazer, para além de cantar e dançar. Gostava muito de ir nas excursões a Fátima.

O trabalho em conjunto com Marcelina era acompanhado ao ritmo do terço ou ao som da rádio. Havia muitas encomendas e vendiam as passadeiras e as mantas para a «Feira dos Dez», em Lourosa.

Ela não tecia (“não podia, era doente”), apenas cardava (“com os piquinhos dos cardos” para levantar o pelo das mantas) e fiava algodão. Marcelina era a única que trabalhava no tear. Mencionou que fez casacos de lã à mão e uma manta que levou para o Lar. Reformou-se da tecelagem aos 65 anos: “já não era capaz”. Deixou de cardar e fiar a partir do momento em que o tear foi destruído. É possível que ainda se encontre, num qualquer canto da casa de Marcelina, uma manta de lã cardada por ela.

Esta senhora ainda reza o terço, várias vezes ao dia, mas agora sem companhia (até lhe chamam “a mulher do terço”, comentou). “Ao que rezo não vou para o Inferno!” – diz com graça.

Antes de nos despedirmos, D. Alice levou-nos ao seu quarto, o n.º 9, junto do qual se encontra uma imagem da Virgem Maria. Foi sua vontade mostrar-nos uns carapins amarelos, que ela mesma fez e identificou, qual código, com uma linha vermelha num ponto zigzague...



[desenho realizado por]

Gonçalo Pimenta

10 anos

5.º ano Colégio de Santa Eulália





Maria Arminda de Amorim Costa (Arminda das Estrelas)

(Sentámo-nos à volta de uma mesa com uma toalha bege, estampada com minúsculas estrelas prateadas).

Os tios de Arminda eram proprietários de uma agência funerária e decoravam os caixões com rendas e estrelas criadas pela pequena Arminda, nascida em 5 de setembro de 1947. É por isso que muitos a conhecem como “Arminda dos Caixões”. Desde os sete anos que Arminda, depois da escola e todos os dias, fazia essas estrelas, de vários tamanhos, mas apenas na cor branca ou amarela. Chegou a produzir quarenta dúzias

delas, muitas vezes até de madrugada.

Lembra-se de se sentar ao sol, numa soleira de pedra duma casa que havia sido um colégio de freiras, ali perto da sua atual residência e da casa dos pais. Porque trabalhava muito ao sol, que refletia no canotilho e nas lantejoulas, a sua vista “estragou-se”.

Arminda mencionou que, depois de funcionar como colégio, o edifício tornou-se habitação de Quintino Barroca, pai do professor Barroca (o professor alugou-a aos tios).

Os tios não tinham filhos e Arminda viveu com eles entre os sete anos de idade e os dezoito, altura em que volta a casa dos pais pela morte dos tios.

Tem pena de não ter lutado mais por preservar o tear de «grades» da sua mãe. Destruíram tudo depois da morte dos tios...

Arminda partilhou connosco os três objetos que guarda da avó: o xaile preto que a senhora levava à missa, uma panela de ferro e a parábola, intacta, que ainda usa para enlevar a lã.

Após a morte dos tios, não mais *criou* estrelas. Recordava-se muito bem de, apenas com doze anos, ir sozinha de camioneta até à Batalha, no Porto, e descer a pé até à loja Abel Mota, na rua Mouzinho da Silveira, e à Carvalho & Irmão, na rua dos Caldeireiros, estabelecimentos comerciais de artigos religiosos, para entregar as encomendas. Desafiei Arminda a fazer-nos uma estrela, depois de tantos anos desde a última que lhe saiu das mãos! Pedi-me canotilho, lantejoulas e a cartolina. Com muito entusiasmo

aceitou: em cinco minutos eu teria uma estrela se encontrasse esses materiais.

Infelizmente, já não se encontram os canotilhos mesmo nas retrosarias mais antigas. Por isso, não houve oportunidade de ver Arminda a confeccionar uma estrela por mais pequenina que fosse.

Mas eu tive uma surpresa da segunda vez que fui a casa de Arminda das Estrelas: vi dois cardos no seu jardim, sim os cardos que, depois de secos, se utilizavam há muitos anos

para cardar tapetes! Agora Arminda deixa-os secar para enfeitar o jazigo do filho Arsénio, que lembra com muito saudade e carinho.

Em Sanguedo, Arminda é conhecida por “Arminda dos Caixões” mas, para mim, ela é das estrelas...



[desenho realizado por]

Tiago Meireles

9 anos

5.º ano Colégio de Santa Eulália



[desenho realizado por]

Matias Soares

8 anos

4.º ano Colégio de Santa Eulália





Maria Alice Fontes

Nasceu na Agrela, Sanguedo, em dezembro de 1937, no seio da família Gomes que, como tantas outras famílias portuguesas, era pobre. Embora com muitos irmãos, Alice não se lembra de passar fome.

Estudou em Fiães. A mãe não permitiu que prosseguisse com os estudos: eram muitos filhos, “tinha que dar a todos por igual”. Alice gaba-se de ter ensinado a filha a ler e a escrever. “Sonhava estudar até ao 5º ano e ir trabalhar para o Banco, mas não pude”. Sublinha, com orgulho, que foi a primeira mulher a conduzir em Sanguedo.

Era muito “pequenita” quando fez tecelagem. “Eu queria era brincar!” Recorda-se que “nunca teve uma boneca”, mas, como tantos meninos e meninas da sua geração, improvisava brinquedos. E, muitas vezes, também fazia de conta que tecia. A mãe julgava que sim, porque ouvia o “chiar” do pente do tear a bater. “Aquilo era chato.

Nós brincávamos quando a minha mãe não estava. Saíamos por uma janelita que lá havia...”

Recorda-se de começar a tecer quando saiu da escola, no final da quarta classe – “ainda não tinha 11 anos” e não o fez mais que um ano. “A minha mãe obrigava-nos a trabalhar até à meia noite”. Só teciam fita. Cada peça, com 100 metros – “o que era muito” –, era feita numa semana, objetivo colocado pela mãe. Fita essa que seria utilizada nos caixões e na decoração das igrejas.

A mãe não sabia tecer. Carregava o tear, ia ao Porto, comprava e tratava de todos os assuntos. “Nós só tecíamos”. Alice lembra-se de Marina, a mulher que lhe ensinou a arte de tecer. Tudo o que Alice produziu no tear era para vender no Porto. Tal como outras senhoras, não guarda nada que nos possa mostrar: “Se eu sabia...” – reconheceu, arrependida.

O tear que Alice trabalhou foi feito pelo pai, Américo Ferreira Gomes (quem construiu também o tear de Maria Rosa Amorim Batista ou D. Micas), carpinteiro e emigrante na Venezuela. Finalmente, os dois teares da família Gomes foram “desfeitos, queimaram tudo”.

Como não gostava de tecer, empregou-se na fábrica de papel do senhor Albino, perto de casa. Ainda não tinha 12 anos. Diz, com graça, que é pequena porque lhe colocaram peso a mais na cabeça.

Alice que, inicialmente, não queria falar, mostrou-me a sua casa e cada divisão no final da nossa conversa. Casa impecavelmente arrumada, tudo no seu lugar, dentro de gavetas e prateleiras de móveis com cerca de cem anos, que lhe ficaram do sogro. Ofereceu-me limões da árvore carregada que se conta no seu bonito jardim.

[na foto]

Alice (à esquerda)
com os irmãos

[desenho realizado por]

Diana Gomes

8 anos

4.º ano Colégio de Santa Eulália

Maria Fernandes

9 anos

4.º ano Colégio de Santa Eulália







Maria Rosa Amorim Batista (Dona Micas)

Ao contrário do que foi acontecendo ao longo destas semanas de procura, encontramos, finalmente, um tear! Na casa de Dona Micas ainda se conserva o tear, que ocupa muito espaço, que já não funciona, que não serve para mais nada e está “apodrecendo”. Penso que temos que agradecer-lhes porque guardaram este testemunho do tempo em que, em Sanguedo, tantas mulheres se dedicaram à tecelagem e que *fala* da história pessoal desta mulher.

Maria Rosa nasceu em Sanguedo, em 1937, e já tecia na casa dos pais, na Agrela. Talvez a primeira da sua família a tecer mantas e liteiros. Gostaria de ter sido costureira, mas reconheceu que trabalhar no tear seria mais vantajoso, como uma tia lhe recomendou.

Fê-lo desde os 20 anos – foi uma senhora de Argoncilhe quem lhe ensinou a arte. Casou e foi viver para Sandim.

“Ganhei muito dinheirinho com este tear” – comenta.

O tear foi ficando de lado: tinha o campo grande para trabalhar. Mas, para além disso, conta-nos, os tempos mudaram muito:

“As camas são muito largas. Estas mantas, feitas nestes teares, já não servem nas camas modernas” (a indústria veio substituir o trabalho destas mulheres) e “o trabalho no tear é muito duro”.

O seu tear (“de pano inteiro”) já não funciona: “está tudo podre – era preciso um pente novo”. Foi construído por Américo Gomes, pai de Alice

Fontes, com madeira de sobreiro, oferecida por seu pai. Explicou-nos que o sobreiro é madeira forte e durável: “senão o pano não fica bem batido”.

Uma vez que é muito largo, o tear de Dona Micas só permite fazer liteiros e mantas e não passadeiras (confeccionadas em teares de “meio pano”).

Naquele espaço, enquanto tecia a cantar, a chorar ou a rir, foi também educando os filhos mais pequeninos. Dona Micas trabalhava até muito tarde, de madrugada, quando era preciso cardar as mantas – o que fazia sozinha – tentando, “consumida”, cumprir com os prazos. Referiu-nos como cardava e como utilizava os dez cardos secos de uma vez (cardos que, inicialmente,

comprava e depois começou ela própria a semear e a secar – “quanto mais tesos, melhor”). Ainda guarda um dos cardos, que não se importava de me oferecer.

Ainda permanece no tear um pedaço da última peça que confeccionou: uma manta de lã de ovelha (não a terminou porque, entretanto, partiu um braço).

Mostrou-nos cada parte do tear: “este é o pente, a caixa...” (alguns nomes já escapam à sua memória).

Vimos ainda uma manta cardada, muito colorida, tecida neste mesmo tear, com cerca de cinquenta e cinco anos que colocou em cima da arca ...





[desenho realizado por]

Leonor Neves

8 anos

4.º ano Colégio de Santa Eulália



Batimento do pente · consiste na junção do fio de trama (ou teia) inserido ao tecido já formado, através do pente.

Caneleiro · aparelho através do qual são enroladas as canelas (há dois tipos: caneleiro de mão e caneleiro de pé).

Canotilho · fio metálico de secção redonda, dourado ou prateado, enrolado em espiral.

Cardar / Cardamento · pentear ou alisar com a carda.

Carda(s) · objeto de madeira, com pregos, com que se carda particularmente a lã (em vez dos pregos, podia usar-se os cardos secos).

Cardo · planta.

Dobadoira ou Parábola · aparelho de madeira, de movimento rotativo, que pode apresentar constituições muito variadas e que serve para dobar.

Dobar · utilizar a dobadoira (ou parábola) para transformar as meadas em novelos.

Farrapeiro · homem que compra e vende farrapos.

Fiar · preparar o fio, utilizando a roca e o fuso.

Lançadeira · peça fundamental, em forma de barquinho (ou naveta), com um pequeno rolo de linho enrolado no caneleiro que as tecedeiras faziam passar, de uma mão para a outra, por entre os fios da urdideira.

Liteiro · manta de farrapos para a cama.

Parábola · ou dobadoira (ver atrás).

Pente do tear · peça do tear que se coloca nos quadros da queixa e pelos dentes do qual passa o algodão já distribuído para tecer a manta. Pode ter dentes de cana e de ferro.

Queixa ou caixa do tear · parte móvel do tear, em cujos canais se introduz o pente, e com a qual a tecedeira bate para apertar as tiras de farrapos e o algodão, ao tecer. A designação “Queixa” (queixar), explica-se pela produção de um som monótono e ritmado,

como uma espécie de lamento, ao apertar as tiras de trapos e os fios de algodão.

Tear · instrumento mais ou menos complexo para tecer.

Teia ou trama · algodão já urdido para carregar o tear.

Urdideira · instrumento que serve para urdir. Trata-se de um conjunto de duas peças de madeira verticais e paralelas, unidas por uma transversal na parte superior, e guarnecidas nos cantos com um certo número de tacos de madeira.

Urdir · preparar o algodão, a lã ou o linho, na urdideira, para fazer a teia.

(Referências Bibliográficas: Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património, Porto, 2004, I Série vol. III. Pp. 142; Tecelagem Tradicional: Motivos e Padrões de Carlos Laranjo Medeiros, Filomena Lopes e Ana Tosões, Livros e Leituras, Lda., 2000; Relíquias da Tecelagem de António Capão, 1993).



agradecimentos

Partilha, Sanguedo! não seria possível conceber sem a ajuda de pessoas como Alice Marinheiro, António Ribeiro, Arminda Couto, Fátima Gomes, Liliana Couto, Paula Costa e, sobretudo, sem Joaquim Marinheiro, que nos acompanhou e conduziu até junto das mulheres cujas histórias de vida se teceram também ao tear.

[na foto, da esquerda para a direita]

Fátima Gomes
Joaquim Marinheiro
Alice Marinheiro

Grupo de Voluntários do Espaço
Convívio de Sanguedo

Assim, um agradecimento especial a elas, as personagens principais deste livro: Alice Fontes, Maria José, Albana, Arminda, D. Micas, Marcelina e Alice Silva por nos abrirem não só a porta da sua casa, mas acima de tudo, a janela do seu coração!

Finalmente, «muito obrigados» a Maria Fernandes, Diana Gomes, Gonçalo Pimenta, Matilde Soares, Vitória Silva, Miguel Pinho, Inês Prêda, Tomás Clemente, Leonor Neves, Alexandre Toro, Matias Soares e Tiago Meireles, o grupo de meninos e meninas que frequentam o Colégio de Santa Eulália do CASTIIS, Sanguedo, que generosa, entusiástica e empenhadamente ilustraram cada uma das histórias!





ficha técnica

Título

Objetos com Histórias
“Partilha, Sanguedo”

Autora

Céu Mota

Participantes

Albana Amorim
Alice Fontes
Alice Marinheiro
Alice Silva
Arminda Costa
Fátima Gomes
Joaquim Marinheiro
Marcelina da Silva
Maria José
Maria Rosa

Ilustração

Alunos do Colégio Santa
Eulália do CASTIIS:
Alexandre Toro
Diana Gomes
Gonçalo Pimenta
Inês Prêda
Leonor Neves
Maria Fernandes
Matias Soares
Matilde Soares
Miguel Pinho
Tiago Meireles
Tomás Clemente
Vitória Silva

Gestão | Coordenação

Lisete Costa
Mafalda Guedes
Paula Costa
[Pelouro da Proteção Civil,
Ambiente, Espaço Verde,
Saúde e Ação Social]

Fotografia

Pedro Alves – Gabinete de
Comunicação e Relações
Internacionais da Município
de Santa Maria da Feira

Design Gráfico

Rute Serra – Gabinete de
Comunicação e Relações
Internacionais da Município
de Santa Maria da Feira

Revisão de Texto

Sofia Tavares – Gabinete de
Comunicação e Relações
Internacionais da Município
de Santa Maria da Feira

Edição

Projeto MIDAS – Mudança
para a Inclusão e desenvolvi-
mento artístico e social

Programa Operacional
Regional do Norte / NORTE
2020

Entidade Promotora

Município de Santa Maria
da Feira

Entidades Parceiras

CASTIIS – Centro de
Assistência à Terceira Idade
e Infância de Sanguedo

Casa dos Choupos
– Cooperativa Multisectorial
de Solidariedade Social, CRL

Outras Entidades

Fórum Social de Freguesia
de Sanguedo

Grupo de Voluntários
do Espaço Convívio
de Sanguedo

Núcleo da Cruz Vermelha
de Sanguedo | Casa das
Profissões

Impressão e Acabamentos

Graficamares, Lda

Tiragem

250 exemplares

**Santa Maria da Feira,
dezembro 2018**



mudança para a inclusão e
desenvolvimento artístico e social